

**sylvia
plath**

**johnny panic e a
bíblia de sonhos
e outros textos em prosa**

TRADUÇÃO Ana Guadalupe



BIBLIOTECA AZUL

Sylvia Plath (1932–1963) foi uma das poetisas mais aclamadas do século xx. Sua obra, composta por poemas, contos, crônicas, correspondência e um vasto diário, chamou a atenção de um grande número de leitores pelo mundo, que veem em seu verso singular a sublime expressão do desespero, da emoção violenta e da obsessão com a morte, despida de um verniz lírico, porque imerso na crueza dos sentimentos mais profundos. Foi casada com o também poeta Ted Hughes, com quem teve dois filhos. Depois de diversas tentativas ao longo da vida, Sylvia Plath se matou aos trinta anos, em Londres. Dela, a Biblioteca Azul publica ainda *A redoma de vidro*, *Desenhos*, *Os diários de Sylvia Plath (1950–1962)* e *Mary Ventura e o Nono Reino*.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO DE TED HUGHES

APRESENTAÇÃO, POR MARGARET ATWOOD

PARTE I. OS MELHORES CONTOS E OUTROS TEXTOS EM

PROSA

Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos (1958)

América! América! (1963)

O dia em que o sr. Prescott morreu (1956)

A caixinha de desejos (1956)

Uma comparação (1962)

A águia de quinze dólares (1959)

As filhas da Blossom Street (1959)

“Contexto” (1962)

O quinquagésimo nono urso (1959)

Mães (1962)

Oceano 1212-W (1962)

Blitz de neve (1963)

PARTE II. OUTROS CONTOS

Iniciação (1952)

O domingo dos Minton (1952)

Super-Homem e o novo agasalho de neve de Paula Brown
(1955)

Nas montanhas (1954)

Nossos queridos falecidos (1956/7)

Dia de sucesso (1960)

PARTE III. EXCERTOS DE CADERNOS

Anotações de Cambridge (Fevereiro de 1956)

Viúva Mangada (Verão de 1956)

Rose e Percy B. (1961/62)

Charlie Pollard e os apicultores (Junho de 1962)

PARTE IV. CONTOS DA LILLY LIBRARY

Um dia de junho (1949)

A pedra verde (1949)

Em meio às mamangavas (Início dos anos 50)

Línguas de pedra (1955)

A tal da Viúva Mangada (Outono de 1956)

Menino de pedra com golfinho (1957/58)

Sobre a curva do rio (1958)

O Sombra (Janeiro de 1959)

Docinho de Coco e os homens das calhas (Maio de 1959)

Notas

Créditos

AGRADECIMENTOS

PARTE I

OS CONTOS “O DIA em que o sr. Prescott morreu” e “A caixinha de desejos” foram publicados pela primeira vez na revista *Granta* (1956 e 1957). “A águia de quinze dólares” foi publicado pela primeira vez na *Sewanee Review* em 1960. “As filhas da Blossom Street” e “O quinquagésimo nono urso” foram publicados na *London Magazine* (1960 e 1961). “Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos” foi publicado originalmente na *Atlantic Monthly* em setembro de 1968, e “Mães” foi publicado em outubro de 1972 na revista *McCall's*, que mudou o título para “The Mothers’ Union”.

“Contexto” foi encomendado pela *London Magazine* (1962). “Uma comparação” foi escrito para um programa da rádio BBC Home Service, *The World of Books* [O Mundo dos Livros], veiculado em julho de 1962, e publicado na revista *The Listener* em julho de 1977. “Oceano 1212-W” foi veiculado pela BBC em 1962 e publicado na *The Listener* em 1963. “América! América!” foi publicado na revista *Punch* em abril de 1963. “Blitz de neve” foi publicado pela primeira vez na edição deste livro em inglês pela Faber and Faber.

“INICIAÇÃO”: SEVENTEEN, JANEIRO DE 1953

“O domingo dos Minton”: *Mademoiselle*, agosto de 1952

“Super-Homem e o novo agasalho de neve de Paula Brown”: *Smith Review*, primavera de 1955

“Nas montanhas”: *Smith Review*, outono de 1954

“Nossos queridos falecidos”: *Gemini*, verão de 1957
(Agradecimentos a Richard Steuble, que encontrou esse conto)

“Dia de sucesso”: *Bananas*, 1976

INTRODUÇÃO

SYLVIA PLATH PRODUZIU UMA quantidade significativa de textos em prosa. Ainda restam cerca de setenta contos, em sua maioria nunca publicados. Ela começou a escrever vários romances, mas apenas um fragmento de tamanho considerável — “Menino de pedra com golfinho” — subsiste entre os escritos que precederam *A redoma de vidro*. Depois de *A redoma de vidro*, ela datilografou 130 páginas de outro romance, cujo título provisório era *Double Exposure* [Dupla exposição]. Esse original desapareceu por volta de 1970.

Além da ficção, ela tinha o hábito de escrever em diferentes formatos de diário — às vezes eram cadernos de capa dura grossos, às vezes folhas soltas datilografadas ou caderninhos dos quais ela arrancava as páginas que queria guardar. (O restante do caderno era preenchido com rascunhos de poemas etc.) Ela escrevia diários por motivos variados. Os registros escritos à mão geralmente eram uma expressão de autopunição negativa ou uma forma de recobrar a determinação para concluir alguma tarefa, entre outras coisas. Em meio a seus cadernos, na ocasião de sua morte, estavam os originais de cerca de dezessete contos. Entre eles incluíam-se

os contos que ela decidiu guardar, além de textos que escreveu durante seus últimos dois anos na Inglaterra.

A primeira edição deste livro, publicada em 1977, consistia em uma seleção de contos que estavam entre esses dezessete, além de alguns de seus textos jornalísticos e trechos de seu diário. Na ocasião, no papel de editor, fui obrigado a supor que ela tivesse perdido ou destruído, como tentativas fracassadas, todos os outros contos que tinha escrito e de que eu me lembrava. Na mesma época em que a seleção foi publicada, no entanto, vários dos escritos de Sylvia Plath foram encontrados na Lilly Library, na Universidade de Indiana, após serem adquiridos da biblioteca da sra. Aurelia Plath, mãe da autora, e entre esses arquivos estavam os originais datilografados de outros cinquenta contos — datando de seus primeiros esforços literários até aproximadamente 1960, embora em sua maioria sejam textos muito antigos. À exceção de duplicatas de alguns dos contos que ela mesma decidiu manter, todos eram textos que não conseguira publicar e mais tarde passou a rejeitar.

Esta segunda edição inclui os treze contos publicados na primeira edição, cinco de seus mais memoráveis textos jornalísticos e alguns fragmentos de seu diário, e, na Parte IV, outros nove contos selecionados do Indiana Archive. A todos os textos foi atribuída uma data aproximada de criação, na medida em que se tem conhecimento dessas datas.

É certo que a própria Sylvia Plath renegou vários dos contos aqui reunidos, de forma que são hoje publicados contra sua vontade. Deve-se levar isso em conta. Mas, apesar de seus óbvios defeitos, são contos suficientemente interessantes em si mesmos, mesmo que apenas como notas de sua autobiografia

íntima. Alguns deles mostram, de forma ainda mais evidente do que em seus textos mais fortes, a que ponto a mera presença objetiva das coisas e dos acontecimentos era capaz de paralisar sua fantasia e sua imaginação. A pintora de natureza-morta que havia nela era fiel às coisas. Nada a energizava mais do que ficar sentada por horas diante de uma pilha complexa de objetos, traçando com esmero os contornos de cada um deles. Mas isso também era uma impotência. O peso da realidade imutável arruinava qualquer poder ou inclinação de rearranjá-los ou vê-los de outra forma. Essa limitação às circunstâncias reais, que por um lado se tornou uma prisão para a maior parte de sua prosa, também foi parte da solidez e a verdade dos seus últimos poemas.

Nos anos sessenta ela se aventurou escrevendo contos para as mais açucaradas revistas femininas da Inglaterra, e nesses textos demonstrou um alcance criativo um pouco maior. Um deles, “Dia de sucesso”, foi incluído nesta seleção como uma amostra de sua incursão pelo pastiche, mas mesmo nesse conto é possível perceber que a rigidez da situação objetiva acaba por roubar a vida da narrativa.

Sem dúvida, um dos defeitos desses contos mais fracos é o fato de ela não se permitir ser suficientemente objetiva. Quando queria apenas registrar os acontecimentos, sem pensar no desbastamento artístico ou na publicação, ela produzia alguns de seus textos mais eficazes — e isso fica claro em seus diários.

Boa parte do que consta nesses diários descreve pessoas que ainda estão vivas ou trata de assuntos muito íntimos. Não é fácil decidir que trechos desse material devem ser

publicados. Suas descrições de vizinhos, amigos e acontecimentos corriqueiros são em sua maioria extremamente pessoais e suas críticas, muitas vezes injustas. Alguns dos trechos mais inofensivos — mas não os melhores, com certeza — de seus últimos registros foram selecionados para ilustrar, entre outras coisas, a íntima conexão entre os detalhes que ela tomou para si naquelas páginas e os detalhes que mais tarde veio a explorar em seus poemas. O trecho sobre Charlie Pollard é um incipiente rascunho em prosa do poema “The Bee Meeting”. A placidez e a economia de sua observação são notáveis. Mas quase todos os elementos essenciais do poema já estão nessa versão: o início de sua interpretação, a atmosfera e até a dinâmica misteriosa de algumas das frases. “Rose and Percy B.” é, para todos os efeitos, um rascunho da morte e do funeral que se vê em “Berck Plage”, enquanto “Among the Narcissi” empresta uma ou duas frases do texto.

Na leitura desta seleção, é necessário que se tenha em mente que ela ficou conhecida pelos poemas que escreveu em seus últimos seis meses de vida. Quase toda a prosa reunida neste livro foi escrita antes que sua primeira coletânea de poemas, *The Colossus*, fosse concluída três anos antes de sua morte.

As únicas obras em prosa escritas no mesmo período dos poemas de *Ariel* são as três breves peças jornalísticas, “América! América!”, “Blitz de neve” e “Oceano 1212-W”. Em outras palavras, esta seleção representa a prosa da poeta que escreveu *Ariel* tanto quanto os poemas de *The Colossus* representam a poesia da poeta que escreveu *Ariel*. Mas estes contos de fato oferecem um vislumbre de como começou o

estranho embate entre o que se esperava dela e o que finalmente lhe foi exigido.

Agradecemos à Lilly Library e à Universidade de Indiana por sua generosa ajuda na inspeção do arquivo Sylvia Plath, processo que possibilitou a publicação deste livro.

Ted Hughes

PROSA DE POETA

MARGARET ATWOOD

O ensaio a seguir foi publicado originalmente no New York Times em 28 de janeiro de 1979 e aparece com o título “Johnny Panic and the Bible of Dreams” no livro Second Words: Selected Critical Prose [Segunda palavra: Prosa crítica selecionada].

QUANDO UM TRABALHO DE destaque de um autor ou uma autora de destaque é publicado de maneira póstuma, ninguém se surpreende. Já trabalhos de menor destaque de autores de menor destaque aparentemente só são publicados quando, mortos há tempo suficiente, esses escritores se tornam uma curiosidade. *Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos* é um trabalho de menor destaque de uma autora de destaque, e é esse contraste que incomoda. Quem essa publicação beneficia? Não a autora, e não a fama da autora, que passa muito bem sem ela. Nem o leitor médio e até então indiferente à obra e ao mito de Sylvia Plath, que agora talvez se depare com o livro e se pergunte o motivo de tanta comoção. Imagino que a resposta seja “os(as) estudiosos(as)”, se por “estudioso(a)” tomarmos qualquer leitor ou leitora que aprecie o trabalho de Plath o bastante para já tê-lo lido quase em sua totalidade e se

interessar por antevistas, referências cruzadas, influências e *insights*; e é esse tipo de público que *Johnny Panic* toma para si. É um livro de prosa que atira para todos os lados, reunindo contos, ensaios curtos e excertos de diários, e, como tal, pode complementar o conhecimento que se tem sobre a autora e talvez oferecer algumas surpresas. Felizmente, realiza ambos.

Tenho que admitir logo de início que publicações como esta me deixam apreensiva, uma vez que sugerem que alguém escarafunchou gavetas de escrivaninha que a autora, se viva estivesse, sem dúvida manteria firmemente trancadas. Que escritora em sã consciência entregaria ao mundo, por vontade própria, seus contos da época da faculdade, suas anotações ressentidas sobre os comportamentos de vizinhos desagradáveis, suas tentativas constrangedoras de escrever ficção formulaica para revistas? Mas também devo admitir que li *Johnny Panic* com notável interesse e, em certos momentos, fascínio.

Foi um susto comparável a ver a Rainha de biquíni descobrir que Sylvia Plath, uma poeta brilhante de extrema seriedade, tinha duas ambições lancinantes: tornar-se uma jornalista de turismo bem remunerada e ser uma escritora amplamente publicada em revistas, fossem elas do gênero *New Yorker* ou — será possível? — *Ladies' Home Journal*.^[1] Para isso, ela trabalhou à exaustão, entregue à máxima insegurança e agonia, escrevendo mais de setenta contos, que em sua maior parte nunca foram publicados, e enchendo cadernos com os detalhes do que considerava a vida real: estilos de roupas e itens de decoração, cacoetes das pessoas que conhecia, esboços do mundo físico que ela acreditava não ter talento

para observar. (A poesia ela considerava mera fuga, uma autoindulgência egoica, e, portanto, algo irreal, porque não estava totalmente convencida de seu próprio valor, nem mesmo de sua própria existência.)

É fácil zombar de tais ambições, e o editor não resiste completamente a essa tentação, embora sua reprovação seja discreta e venha acompanhada de uma afirmação de validade inegável: o verdadeiro veículo de Sylvia Plath era a poesia. É claro que isso é verdade, mas seu desejo por uma carreira de sucesso no jornalismo, algo tão destoante face à excelência de seus feitos futuros, deve ser contextualizado. Sylvia Plath só ficou famosa depois de morrer. Esses textos foram escritos por uma escritora jovem e desconhecida que tinha deixado de ser estudante para, quase sem intervalo, ganhar outra posição subordinada: a de esposa de um poeta que já era reconhecido como nova promessa da literatura. Suas tentativas desesperadas de escrever textos que fossem dignos de publicação em revistas e de ganhar dinheiro também eram tentativas de se afirmar como uma pessoa de verdade, uma mulher adulta merecedora em um mundo que até então tinha falhado em reconhecê-la.

De certa forma, *Johnny Panic* é um registro de aprendizagem. Tem tudo para destruir de vez a ideia romântica da genialidade que brota feito uma flor. Raros escritores de grande relevância foram capazes de trabalhar tanto, por tanto tempo, e com tão parco resultado. O sucesso, quando veio, já havia sido exaustivamente justificado inúmeras vezes. Mas *Johnny Panic* não traz apenas a produção de uma jovem autora. A qualidade e o apelo dos textos oscilam muito, ou talvez seja a

qualidade do apelo que oscila, pois, embora a jovem Sylvia Plath fosse capaz de botar para fora algumas histórias bastante deprimentes, como ocorre com a maioria dos jovens escritores, todos os textos apresentados no livro são reveladores.

Há coisas excelentes que se destacam: dois ensaios curtos escritos no fim de sua vida, “América! América!” e “Uma comparação”; vários dos excertos dos cadernos; o conto-título, que antecipa elementos de *A redoma de vidro*; e “Línguas de pedra”. Dois pares — registro de diário e conto — demonstram a transformação de vida real observada em ficção; em ambos os casos os registros de diários têm uma espontaneidade que os contos, em seu desejo de serem literários, quase perdem. Há textos abertamente formulaicos, em especial “Dia de sucesso”, que trata de uma jovem esposa e mãe que “segura” seu marido, um garboso dramaturgo, ao priorizar a vida doméstica. À primeira vista, esses contos são tão execráveis quanto qualquer outro texto típico dos anos cinquenta, mas em uma segunda leitura são capazes de causar formigamento nos dedos.

Mesmo quando tentava ser banal, Sylvia Plath não conseguia esconder as manifestações desconcertantes de seus próprios mecanismos emocionais, as mesmas que caracterizam sua poesia. A irregularidade dos contos muitas vezes é resultado de um embate entre a fórmula escolhida e a mensagem secreta que se vai se revelando à força, aparentemente à revelia da autora. “Quaisquer que fossem as visões, só vinham às custas dos parafusos de tortura, e nunca no aconchego mortal de uma cama quente”, pensa Dody Ventura em “Menino de pedra com golfinho”. Ainda que ela lamentasse e tentasse negar esse fato, assim como Sylvia Plath.

Tanto a editora que o publica quanto o editor do livro fizeram jus à autora, embora seja uma provocação dizer aos leitores que Sylvia Plath escreveu coisas “realistas e cruéis” sobre as pessoas para em seguida decidir não as divulgar. Os contos são organizados em ordem cronológica, mas de trás para frente. Isso cria um efeito arqueológico: os leitores são levados a escavar enquanto voltam no tempo, entrando cada vez em uma mente extraordinária, de forma que um dos últimos — e também, portanto, um dos primeiros contos —, “Em meio às mamangavas” (um conto melancólico sobre a devoção de uma menina por seu pai, que morre de forma misteriosa), surge como um esqueleto com sua coroa dourada no fundo da cripta — o rei que todos os anteriores morreram para proteger. E de fato o é.

PARTE I

OS MELHORES CONTOS E OUTROS TEXTOS EM PROSA

JOHNNY PANIC E A BÍBLIA DE SONHOS

TODO DIA EM HORÁRIO comercial eu me sento à mesa de frente para a porta do consultório e escrevo à máquina os sonhos dos outros. Não só os sonhos. Meus chefes não julgariam conveniente. Também registro as queixas diurnas das pessoas: problemas com a mãe, problemas com o pai, problemas com a bebida, a cama, a dor de cabeça que abate e apaga o mundo inteiro sem nenhum motivo claro. As pessoas só vêm ao nosso consultório quando têm problemas. Problemas que não se pode determinar apenas com testes de Wassermann ou Wechsler-Bellevue.^[2]

Talvez um rato comece muito cedo a pensar que o mundo é governado por esses pés enormes. Bem, daqui do meu lugar, concluí que o mundo é governado por uma coisa e uma coisa só. O pânico com cara-de-cão, cara-de-diabo, cara-de-bruxa, cara-de-puta, o pânico com letras maiúsculas que nem cara tem — é sempre o mesmo Johnny Panic, seja acordado ou adormecido.

Quando me perguntam onde trabalho, digo que sou secretária-assistente de um dos departamentos ambulatoriais da ala clínica do hospital municipal. Essa resposta soa tão definitiva que raramente querem saber mais sobre o que faço,

e o que faço é só datilografar prontuários. Por conta própria, no entanto, e sem que ninguém tome conhecimento, tenho me dedicado a uma vocação que deixaria esses médicos de cabelo em pé. Na privacidade do meu apartamento de um cômodo, me considero secretária de ninguém menos que o próprio Johnny Panic.

De sonho em sonho, estou estudando para me tornar aquela rara figura, mais rara, na verdade, que qualquer membro do Instituto de Psicanálise: uma especialista em sonhos. Não uma controladora-de-sonhos, nem uma relatora-de-sonhos, nem uma oportunista de sonhos numa busca mesquinha por saúde e satisfação, mas uma incorrupta colecionadora de sonhos pelo que os sonhos são. Uma amante dos sonhos em nome de Johnny Panic, o Criador de todos eles.

Não há um único sonho que eu tenha datilografado em nossos livros de prontuários e não saiba de cor. Não há sequer um sonho que eu não tenha passado a limpo em casa, na Bíblia de Sonhos do Johnny Panic.

Essa é minha verdadeira vocação.

*

CERTAS NOITES ENTRO NO elevador e vou até a cobertura do prédio onde moro. Certas noites, por volta das três da manhã. Entre as árvores do outro lado do parque, o lampejo da tocha da United Fund^[3] enfraquece e se restaura graças a uma força sobrenatural invisível, e aqui e ali entre os blocos de pedra e tijolo eu vejo uma luz. Mais do que tudo, no entanto, sinto a cidade dormindo. Dormindo do rio no oeste ao mar no leste,

como uma espécie de ilha sem raízes que nina a si mesma, apoiada em absolutamente nada.

Posso estar tensa e retesada como a corda mais grave de um violino, mas quando o céu começa a azular já estou pronta para dormir. Pensar em todos os sonhadores e naquilo que sonham me consome, e então durmo um sono febril. De segunda a sexta, não faço outra coisa senão datilografar esses mesmos sonhos. Claro, nem chego perto de conhecer todos os sonhos da cidade, mas, de página em página, de sonho em sonho, meus livros de admissões engordam e pesam nas prateleiras do armário que ocupa o corredor estreito e paralelo ao salão principal, o mesmo corredor para o qual se abrem as portas dos pequenos cubículos em que todos os médicos fazem suas consultas.

Tenho o curioso hábito de identificar as pessoas que vêm aqui pelos sonhos que têm. Até onde sei, os sonhos as tornam mais únicas do que qualquer nome de batismo. Tem um cara, por exemplo, que trabalha para uma indústria de rolamentos na cidade e toda noite sonha que está deitado de barriga para cima com um grão de areia sobre o peito. Pouco a pouco esse grão de areia vai crescendo até ficar do tamanho de uma casa, e ele não consegue mais respirar. Soube de outro sujeito que tem o mesmo sonho desde que lhe deram éter e lhe tiraram as amígdalas e adenoides quando era criança. No sonho ele está preso nas lâminas de um moinho de algodão, lutando para sobreviver. Mas, ah, ele não é o único, ao contrário do que pensa. Hoje em dia muitas pessoas sonham que são esmagadas ou devoradas por máquinas. São aquelas figuras desconfiadas que não andam de metrô nem de elevador. Quando volto do

meu horário de almoço no refeitório do hospital, muitas vezes passo por elas, ofegantes, subindo as escadas encardidas para chegar ao nosso consultório no quarto andar. Às vezes me pergunto que sonhos as pessoas tinham antes de os rolamentos e os moinhos de algodão serem inventados.

Tenho um sonho que é meu. Meu único sonho. O sonho dos sonhos.

Nesse sonho há um grande lago semitransparente que se estende por todas as direções, grande demais para que eu veja suas margens, se é que há margens, e estou suspensa sobre o lago, na barriga de vidro de um helicóptero, olhando para baixo. No fundo do lago — tão fundo que só posso intuir pelas massas escuras que se movem e se elevam — estão os verdadeiros dragões. Aqueles que existiam antes de os homens começarem a morar em cavernas, a cozinhar carne na fogueira e a inventar a roda e o alfabeto. Enormes não é a palavra que os define; eles têm mais rugas que o próprio Johnny Panic. Experimente sonhar com isso por muito tempo, que suas mãos e pés começam a ficar gastos quando você os olha de perto. O sol encolhe e fica do tamanho de uma laranja, só que mais frio, e você descobre que mora em Roxbury desde a última era glacial. O único lugar para você é um quarto acolchoado como aquele primeiro quarto que conheceu, onde você pode sonhar e flutuar, flutuar e sonhar, até que enfim esteja mais uma vez entre aquelas criaturas primevas e não haja mais motivo para sonhar.

É para esse lago que a mente das pessoas corre à noite, riacho e calha de uma reserva compartilhada e infinita. Em nada se assemelha às fontes de água potável e pura de um azul

cintilante que os subúrbios resguardam com mais avareza do que o diamante Hope, isolado no meio da floresta com uma cerca de arame farpado.

É a estação de tratamento de esgoto da história do mundo, transparência à parte.

Agora a água desse lago se tornou fedorenta e fumegante, é evidente, graças aos sonhos que ficaram abandonados ali, juntando água por tantos séculos. Se você parar para pensar no espaço que uma noite de acessórios de sonhos ocupa para uma só pessoa em uma só cidade, e que essa cidade não passa de um pontinho no mapa do mundo, e começar a multiplicar esse espaço pela população do mundo, e esse espaço pelo número de noites que se passaram desde que os macacos começaram a fazer machados de pedra e a perder os pelos, dá pra ter uma ideia do que eu quero dizer. Não levo jeito para a matemática: minha cabeça começa a latejar só de pensar no número de sonhos que acontecem ao mesmo tempo durante uma só noite no estado de Massachusetts.

A essa altura já vejo a superfície do lago repleta de cobras, cadáveres inchados como baiacus, embriões humanos boiando em frascos de laboratório, como tantas mensagens inacabadas do grande Eu Sou. Vejo armazéns de ferramentas completos: facas, cortadores de papel, êmbolos, engrenagens e quebra-nozes; capôs de carro brilhosos que se elevam com olhos vítreos e sorriso maligno. E depois o homem-aranha e o homem de teias no pé que vieram de Marte, e a simples e lúgubre imagem de um rosto humano que dá as costas eternamente, a despeito das alianças e dos votos, para o último de todos os amantes.

Uma das formas que mais se vê nesse repuxo é tão lugar-comum que mencioná-la parece bobagem. É um grão de terra. A água está repleta desses grãos. Eles se infiltram em todas as outras coisas e giram sob um estranho poder que eles mesmos emanam, obscuros e ubíquos. Podem chamar a água do que quiserem, Lago Pesadelo, Brejo da Loucura, mas é aqui que as pessoas adormecidas se deitam e se reviram juntas em meio aos acessórios de seus piores sonhos, numa grande irmandade, embora cada uma delas, quando acordada, veja a si mesma como singular e completamente isolada.

Esse é o meu sonho. Ninguém vai vê-lo registrado em nenhum livro de casos clínicos. Aliás, a rotina do nosso consultório é muito diferente da rotina da Dermatologia, por exemplo, ou da Oncologia. Os outros setores se assemelham muito uns aos outros; nenhum é como o nosso. No nosso setor, não se prescreve o tratamento. Ele é invisível. Acontece ali mesmo, naqueles pequenos cubículos, cada um com sua mesa, suas duas cadeiras, sua janela e sua porta com o retângulo de vidro opaco cravado na madeira. Há uma espécie de pureza espiritual nesse tipo de medicina. Não consigo deixar de pensar que ser secretária-assistente do setor de Psiquiatria Adulta é um grande privilégio. Meu orgulho é corroborado pelas grosseiras invasões dos outros setores aos nossos cubículos em determinados dias da semana, quando falta espaço nas outras áreas: nosso edifício é muito antigo, e as instalações não acompanharam as exigências cada vez maiores do tempo. Nesses dias em que o espaço é compartilhado, o contraste entre nós e os outros setores fica evidente.

Às terças e quintas pela manhã, por exemplo, acontecem exames de punção lombar em uma de nossas salas. Se ocorre de a assistente de enfermagem deixar a porta do cubículo aberta, como muitas vezes acontece, consigo entrever a borda da cama branca e os pés descalços de sola amarelada e suja do paciente se projetando para fora do lençol. Apesar da minha aversão a essa cena, não consigo tirar os olhos dos pés descalços e me pego deixando de olhar para a máquina de escrever de quando em quando para ver se ainda estão lá, se chegaram a mudar de posição. Não é difícil imaginar o quanto isso me distrai do trabalho. Muitas vezes preciso reler várias vezes o que acabei de datilografar, sob o pretexto de fazer uma revisão cuidadosa, para conseguir memorizar os sonhos que acabei de passar a limpo, ouvindo a voz do médico no audiógrafo.

O setor do Sistema Nervoso, na porta ao lado, que lida com a faceta mais desagradável e pouco inspirada do nosso negócio, também nos perturba pela manhã. Usamos as salas deles para sessões de terapia durante a tarde, já que só atendem pela manhã, mas conviver com aquela gente chorando, ou cantando, ou tagarelando alto em italiano ou chinês, como sempre acontece, por quatro horas a fio sem intervalo toda manhã é no mínimo desconcertante.

A despeito de todas essas interrupções causadas pelos outros setores, meu trabalho está progredindo a toda velocidade. Já faço muito mais do que registrar apenas o que vem depois da fala do paciente: “Tive um sonho, doutor”. Cheguei ao ponto de recriar sonhos que sequer foram registrados. Sonhos que se prefiguram da maneira mais

ambígua, mas estão escondidos, como uma estátua debaixo do veludo vermelho logo antes da grande revelação.

Para dar um exemplo. Uma tal mulher chegou à clínica com a língua inchada e tão esticada para fora da boca que precisou abandonar a festa que estava dando para vinte amigos de sua sogra franco-canadense e foi levada às pressas para nossa Ala de Emergência. Ela pensou que não queria ficar com a língua para fora da boca, e para dizer a verdade aquela era uma situação muito constrangedora, mas ela detestava aquela sogra franco-canadense mais que tudo, e sua língua estava de acordo, embora mais nada na mulher estivesse. Ela não reivindicou sonho nenhum. Só tenho os simples fatos mencionados acima como ponto de partida, mas por trás deles consigo detectar a intumescência e a promessa de um sonho.

Então me dedico à tarefa de desenraizar esse sonho de sua confortável posição debaixo da língua da mulher.

Seja qual for o sonho que desenterrar com meu esforço, um esforço exaustivo, e até com uma espécie de oração, já sei que vou encontrar uma impressão digital num canto, um detalhe zombeteiro mais à direita, um sorriso de Gato Risonho incorpóreo que levita, o que evidencia que tudo isso foi trabalho do gênio de Johnny Panic, e de ninguém mais. Ele é artiloso, ele é arguto, ele é rápido como um raio, mas se revela com mais frequência do que deveria. É que ele não resiste ao melodrama. Melodrama da espécie mais antiga e mais óbvia.

Eu me lembro de um cara, um sujeito atarracado de jaqueta preta de couro com rebites, que correu ao nosso encontro logo depois de uma luta de boxe no Centro de Eventos, com Johnny Panic em sua cola. Esse cara, bom

católico que era, jovem e direito e tudo o mais, tinha um tremendo medo da morte. Na verdade, morria de medo de ir para o inferno. Era remunerado por peça numa fábrica de lâmpadas fluorescentes. Eu me lembro desse detalhe porque achei engraçado que esse fosse seu emprego, tendo tanto medo do escuro quanto ele tinha, como depois se descobriu. Johnny Panic confere a esse trabalho um elemento poético que não se encontra por aí. E por isso eu lhe serei eternamente grata.

Também me lembro com clareza do cenário do sonho que elaborei para esse cara: um ambiente gótico no porão de um mosteiro qualquer que se estendia até onde os olhos podiam ver, numa daquelas perspectivas infinitas entre dois espelhos, e as colunas e paredes eram feitas apenas de crânios e ossos humanos, e em cada reentrância havia um cadáver estirado, e era o Salão do Tempo, com os corpos em primeiro plano ainda mornos, desbotando e começando a apodrecer a meia distância, e os ossos surgindo na última fileira, tinindo de tão limpos, com uma espécie de brilho branco futurista. Pelo que me lembro, cuidei para que o cenário fosse iluminado, por uma questão de rigor, não por velas, mas pela fluorescência de claridade gélida que faz a pele parecer verde e todo rubor rosado e vermelho assumir uma cor preta-arroxeadada sem vida.

Você me pergunta como eu sei que esse era o sonho do cara de jaqueta de couro preta. Eu não sei. Só acredito que era o sonho dele, e me dedico à crença com mais energia e lágrimas e súplicas do que dedico à recriação do sonho em si.

Meu consultório tem suas limitações, é claro. A senhora com a língua de fora, o cara do Centro de Eventos — esses são

nossos casos mais extremos. As pessoas que de fato saíram flutuando e desceram até aquele lago pantanoso vêm até nós uma só vez, e depois são encaminhadas para um lugar mais permanente que nosso consultório, que só atende o público em horário comercial de segunda a sexta. Até as pessoas que ainda conseguem andar pela rua e continuar trabalhando, que estão a só meio caminho do lago, são mandadas para o Departamento Ambulatorial de outro hospital especializado em casos mais severos. Ou podem passar um mês ou pouco mais na nossa Ala de Observação no hospital central, que nunca cheguei a conhecer.

Mas conheci a secretária dessa ala. Alguma coisa em seus trejeitos ao fumar e tomar café no refeitório no intervalo das dez horas me desagradou tanto que nunca mais me sentei ao lado dela. Ela tem um nome peculiar de que não consigo me lembrar direito, algo realmente muito estranho, como srta. Milleravage. Um desses nomes que se parecem mais um trocadilho com “Milltown” e “Ravage” do que qualquer coisa que você pudesse encontrar na lista telefônica.^[4] Mas, afinal, não tão estranho assim para qualquer um que já tenha folheado a lista e visto pessoas chamadas Hyman Diddlebocker e Sasparilla Greenleaf. Uma vez, ao folheá-la, a data não importa, descobri que há muitas pessoas que não têm o sobrenome Smith, e isso satisfez uma das minhas necessidades mais profundas.

Enfim, essa tal srta. Milleravage é uma mulher grande, não gorda, mas bastante robusta e musculosa, e ainda por cima alta. Ela cobre o corpanzil com um traje cinza que me lembra vagamente uma espécie de uniforme, embora o corte do tecido

não tenha nada de militar. Sua cara, robusta como a de um boi, ostenta um número extraordinário de minúsculas manchas, como se ela tivesse ficado debaixo d'água por um bom tempo e pequenas algas tivessem se agarrado à sua pele, enxovalhando tudo de tons de marrom-tabaco e verde. Essas verrugas são ainda mais perceptíveis porque a pele ao redor delas é muito pálida. Às vezes me pergunto se a srta. Milleravage já viu a salutar luz do dia alguma vez. Não me surpreenderia nem um pouco se tivesse sido criada desde o berço apenas com iluminação artificial.

Byrna, a secretária do Setor de Alcoolismo, que fica do lado oposto do corredor, me apresentou à srta. Milleravage e tentou estimular a conversa dizendo que eu “também tinha ido para a Inglaterra”.

Eis que a srta. Milleravage havia passado os melhores anos de sua vida nos hospitais de Londres.

— Tive uma amiga — ela reverberou com sua voz grave peculiar e canina, sem me olhar no rosto — que era enfermeira no Bart's.^[5] Tentei entrar em contato com ela depois da guerra, mas a enfermeira-chefe era outra pessoa, toda a equipe tinha mudado, ninguém tinha notícias dela. Ela deve ter desaparecido com a velha enfermeira-chefe nos escombros dos bombardeios. — Em seguida, ela abriu um sorriso largo.

Agora, eu já vi estudantes de medicina dissecando cadáveres, quatro defuntos por turma, que pareciam tão humanos quanto Moby Dick, e depois jogando bola com o fígado dos mortos. Já ouvi homens fazendo piada sobre o fato de terem costurado uma mulher do lado errado após um parto

na Ala de Caridade da Internação. Mas prefiro não saber o que a srta. Milleravage considera a coisa mais engraçada do mundo. Não, obrigada, não contem comigo. Se alguém cutucar o olho daquela mulher com um alfinete, vai jurar que bateu numa pedra de quartzo.

Minha chefe também tem senso de humor, mas o dela é delicado. Generoso como Papai Noel na véspera de Natal.

Trabalho para uma mulher de meia-idade chamada srta. Taylor, que é a secretária-chefe da clínica e sempre foi, desde que a clínica foi inaugurada há trinta e três anos — no ano em que nasci, por incrível que pareça. A srta. Taylor conhece cada médico, cada paciente, cada prontuário médico antiquado, cada guia de encaminhamento e procedimento de cobrança que o hospital já usou ou cogitou usar. Ela pretende continuar na clínica até o dia de colher os frutos dos cheques da aposentadoria. Se existe uma mulher mais dedicada ao trabalho, eu nunca vi. Ela lida com as estatísticas como eu lido com sonhos: se o prédio pegasse fogo, ela ia arremessar aqueles livros de estatística um a um para os bombeiros lá embaixo, preferindo colocar a própria vida em risco.

Eu me dou muitíssimo bem com a srta. Taylor. Só não deixo que ela me pegue lendo os velhos livros de registros. Na verdade, quase não tenho tempo para isso. Nosso consultório é mais movimentado que a Bolsa de Valores, com a equipe de vinte e cinco médicos entrando e saindo, os estudantes de medicina em residência, os pacientes, os familiares dos pacientes e os funcionários visitantes de outras clínicas que encaminham pacientes para a nossa, então, mesmo quando tomo conta do consultório sozinha, durante o intervalo e o

horário de almoço da srta. Taylor, raramente consigo copiar mais do que uma ou duas anotações.

Esse clima de salve-se quem puder me dá nos nervos, para dizer o mínimo. Muitos dos melhores sonhadores estão nos livros antigos, os sonhadores que vêm até nós uma ou duas vezes para avaliações e depois são mandados para algum outro lugar. Para copiar esses sonhos preciso de tempo, muito tempo. Minhas circunstâncias não são nada adequadas para que eu me dedique calmamente à minha arte. Há, é claro, certa intrepidez que se manifesta sob tais condições arriscadas, mas anseio pela calma prazerosa do verdadeiro especialista, que permite que suas narinas parem sobre o copo de conhaque por uma hora antes de esticar a língua para o primeiro gole.

Ultimamente, me pego muitas vezes imaginando que alívio seria levar uma pasta para o trabalho, uma pasta grande o suficiente para guardar um daqueles livros de registros grossos, azuis, com capa de tecido e páginas cheias de sonhos. Durante o horário de almoço da srta. Taylor, na calma que antecede a chegada dos médicos e alunos que atendem os pacientes da tarde, eu poderia pegar um dos livros datados de dez ou quinze anos antes, colocá-lo na minha pasta e apenas deixá-los debaixo da minha mesa até o relógio bater às cinco da tarde. É claro que pacotes suspeitos são inspecionados pelo porteiro do edifício das clínicas, e o hospital tem sua própria equipe de policiais que cuidam dos muitos roubos que ocorrem, mas, céus, não estou pensando em roubar máquinas de escrever nem heroína. Eu só pegaria emprestado o livro por uma noite e o devolveria ao armário no primeiro horário da manhã seguinte,

antes de todo mundo chegar. Ainda assim, se fosse pega levando um livro do hospital eu provavelmente seria mandada embora, e sem o emprego perderia todo meu material de pesquisa.

A ideia de me debruçar sobre um livro de registros na privacidade e conforto do meu apartamento, mesmo que para isso precise passar noite após noite em claro, me atrai tanto que tenho cada vez menos paciência para minha forma habitual de arranjar alguns minutos para pesquisar sonhos quando a srta. Taylor se afasta um pouco do consultório.

A questão é que nunca consigo saber exatamente quando a srta. Taylor vai voltar para o consultório. Ela é tão correta com seu trabalho que seria capaz de abrir mão de alguns minutos de sua meia hora de almoço e ainda mais minutos da pausa para o café, não fosse sua perna esquerda aleijada. O ruído característico dessa perna aleijada no corredor me alerta a tempo de esconder o livro de registros que estou lendo na gaveta da minha mesa e fingir que acrescento os últimos retoques a um recado telefônico ou arranjar algum álibi similar. O único porém, no que diz respeito ao meu estado emocional, é que o setor de Amputados fica no final do nosso corredor, na direção oposta ao setor do Sistema Nervoso, e fui ficando inquieta graças aos muitos alarmes falsos, situações em que confundi o passo claudicante de alguma perna de pau com a própria srta. Taylor voltando mais cedo para o consultório.

*

NOS DIAS MAIS SOMBRIOS, quando mal tenho tempo de arrancar um sonho dos velhos livros e meu trabalho se restringe a universitários chorosos que não conseguiram um papel de protagonista em *Camino Real*, sinto que Johnny Panic me dá as costas, pétreo como o Everest, mais alto que Órion, e a máxima da grande Bíblia de Sonhos, “O medo perfeito expulsa todo o resto”, se converte em cinzas e água de limão em meus lábios. Sou uma ermitã bichada numa terra de porcos de concurso tão empanturrados que não veem que o matadouro se aproxima. Sou Jeremias assolado por visões no País da Cocanha.

O que é pior é que, dia após dia, vejo esses médicos da psique estudando para roubar os convertidos de Johnny Panic, sem medir esforços e sem parar de falar, falar, falar. Esses colecionadores de sonhos de olhos fundos e barba cheia que vieram antes de mim e seus herdeiros contemporâneos com capas brancas e consultórios com lambris de madeira e sofás de couro faziam e ainda fazem sua coleta de sonhos por motivos mundanos: saúde e dinheiro, dinheiro e saúde. Para ser um membro genuíno da congregação de Johnny Panic, é preciso se esquecer do sonhador e se lembrar do sonho: o sonhador não passa de um veículo débil para o grande Criador de Sonhos em pessoa. Mas a isso eles não se propõem. Johnny Panic é ouro nas tripas, e eles tentam extirpá-lo com lavagens gástricas espirituais.

Veja o que aconteceu com Harry Bilbo. O sr. Bilbo chegou ao nosso consultório com a mão de Johnny Panic lhe pesando sobre o ombro como um caixão de chumbo. Ele tinha uma percepção interessante da depravação que há no mundo. Eu o

escalei para um papel de destaque na Bíblia de Sonhos de Johnny Panic, Terceiro Livro do Medo, Capítulo Nove: Sujeira, Doença e Ruína em Geral. Um dos amigos de Harry tocava trompete na banda dos escoteiros quando eram pequenos. Harry Bilbo também tinha tocado o trompete do amigo. Anos depois o amigo teve câncer e morreu. Então, um dia, há não muito tempo, um médico oncologista chegou à casa de Harry, sentou-se em uma cadeira, passou a manhã com a mãe de Harry e, ao ir embora, apertou sua mão e abriu a porta sozinho. De repente Harry Bilbo não queria mais tocar trompete ou se sentar em cadeiras ou dar apertos de mão, e nem com as orações de todos os cardeais de Roma se convenceria do contrário, por medo de pegar câncer. Sua mãe precisava apertar os botões da TV e abrir as torneiras e portas para ele. Não demorou para Harry deixar de ir ao trabalho por causa do cuspe e dos cocôs de cachorro que ficavam pela rua. Primeiro essa porcaria gruda no seu sapato, depois quando você tira o sapato ela gruda na sua mão, e depois durante o jantar é um pulinho da mão pra boca, aí nem cem Ave-Marias podem salvar você da contaminação em cadeia.

A gota d'água foi o fato de Harry ter parado de levantar pesos no ginásio público quando viu um aleijado se exercitando com os halteres. É impossível saber que tipo de germes os aleijados têm atrás das orelhas e debaixo das unhas. Harry Bilbo vivia dia e noite em sagrada adoração a Johnny Panic, devoto como um padre entre incensórios e sacramentos. Era um caso de beleza única.

Bem, esses remendeiros de capa branca deram um jeito, todos eles, de convencer Harry a ligar a TV sozinho, e a abrir as

torneiras e portas de armário, portas de casa, portas de bares. Antes de se darem por satisfeitos, ele já conseguia se sentar em poltronas de cinema e bancos espalhados pelo Jardim Municipal inteiro, e levantava pesos todos os dias da semana no ginásio, embora outro aleijado tivesse começado a usar o aparelho de remo. Ao final do tratamento, ele veio cumprimentar o diretor clínico com um aperto de mão. Nas palavras do próprio Harry Bilbo, ele era “um novo homem”. A pura luz do Pânico havia desaparecido de sua face. Ele saiu do consultório condenado ao destino mesquinho que esses médicos chamam de saúde e satisfação.

Mais ou menos na época da cura de Harry Bilbo, uma nova ideia começa a me cutucar o fundo do cérebro. É tão difícil de ignorar quanto aqueles pés descalços que saem de baixo do lençol na sala de punção lombar. Se eu não quiser correr o risco de tirar um livro de registros do hospital e ser pega no flagra e demitida e precisar encerrar minha pesquisa para sempre, posso acelerar meu trabalho virando as noites no edifício da ala clínica. Estou longe de acabar com os recursos da clínica, e o volume pífio de casos que consigo ler nas breves ausências da srta. Taylor durante o dia não é nada comparado ao que eu poderia ler em algumas noites de trabalho contínuo. Preciso trabalhar mais rápido, nem que seja para neutralizar os esforços desses médicos.

Antes que me dê conta, estou vestindo o casaco às cinco e dando boa-noite à srta. Taylor, que costuma ficar alguns minutos depois do expediente para organizar as estatísticas do dia, e escapulindo para o banheiro feminino. Está vazio. Me enfio na cabine das pacientes, tranco a porta por dentro e

espero. Até onde sei, uma das faxineiras do hospital pode tentar derrubar a porta, pensando que alguma paciente desmaiou sentada na privada. Cruzo os dedos. Cerca de vinte minutos depois, a porta do banheiro se abre e alguém entra mancando como uma galinha coxa. É a srta. Taylor, sei disso por causa do suspiro resignado que ela solta ao encarar o olhar bilioso do espelho do banheiro. Ouço o clique-claque de vários produtos de maquiagem na pia, a água esguichando, o assobio de um pente por entre cabelos ressecados, e então a porta se fecha com o chiado lento das dobradiças.

Eu tenho sorte. Quando saio do banheiro feminino às seis em ponto, as luzes do corredor estão apagadas e o quarto andar está vazio como uma igreja na segunda-feira. Tenho uma chave do nosso consultório; sou a primeira a entrar toda manhã, então isso não é problema. As máquinas de escrever estão guardadas nas gavetas, os telefones de disco estão no gancho, não há nada de errado no mundo.

Do outro lado da janela, a última luz de inverno se dissipa. Mas não me distraio e não acendo a lâmpada do teto. Não quero acabar sendo vista por algum médico ou zelador de olhos de lince que esteja no edifício do hospital, do outro lado do nosso pequeno pátio. O armário que guarda os livros de registros fica no corredor sem janelas que dá nos cubículos dos médicos, que têm janelas com vista para o pátio. Eu verifico se todas as portas dos cubículos estão fechadas. Então acendo a luz do corredor, uma coisinha amarelenta de vinte e cinco watts que já está ficando preta na base. Mas nessa situação isso é mais útil do que um altar cheio de velas. Não pensei em trazer um sanduíche. Tenho uma maçã que sobrou do almoço

na gaveta da minha mesa, então guardo essa opção para qualquer fome que eu possa ter à uma da manhã e abro meu caderno de bolso. Em casa, toda noite, mantenho o hábito de arrancar as páginas que preenchi no consultório durante o dia e reuni-las para depois transcrevê-las no meu manuscrito. Assim escondo meus rastros, para que ninguém que abra meu caderno por acidente possa adivinhar a natureza ou o escopo do meu trabalho.

Começo de forma sistemática, abrindo o livro mais antigo da prateleira de baixo. A capa que um dia foi azul-marinho agora é de cor nenhuma, as páginas são cópias em papel-carbono borradas e marcadas pelo manuseio, mas estou vibrando dos pés à cabeça: esse livro de sonhos era novo em folha quando nasci. Quando conseguir me organizar de fato, terei sopa quente numa garrafa térmica para as noites mais frias de inverno, tortas de peru e *éclairs* de chocolate. Trarei bobes de cabelo e quatro trocas de roupa para o trabalho na minha maior bolsa de mão. Nas manhãs de segunda-feira, para que ninguém perceba a derrocada da minha aparência e comece a suspeitar de casos amorosos infelizes, ou de filiação a grupos socialistas, ou do meu trabalho com livros de sonhos na clínica quatro noites por semana.

Onze horas depois. Cheguei ao miolo da maçã e ao mês de maio de mil novecentos e trinta e um, com uma enfermeira particular que acabou de abrir um saco de roupa suja no armário de um paciente e nele encontrou cinco cabeças decepadas, incluindo a da própria mãe.

Um ar gelado toca minha nuca. De onde estou, sentada de pernas cruzadas no chão, de frente para o armário, sentindo o

peso do livro de registros no colo, entrevejo que a porta do cubículo ao meu lado está deixando uma fresta de luz azul entrar. Não só pelo piso, mas também pela lateral da porta. Isso é estranho, já que a primeira coisa que fiz foi me certificar de que as portas estivessem bem fechadas. A fresta de luz azul vai aumentando e meus olhos se fixam em dois sapatos imóveis na soleira da porta, com as pontas viradas para mim.

São sapatos de couro marrom de uma marca estrangeira, com grossas solas de plataforma. Acima dos sapatos há meias pretas de seda que deixam entrever uma carne lívida. Não me atrevo a ir além da barra da calça de risca de giz.

— Tsc, tsc — censura uma voz infinitamente delicada vindo da área nublada acima da minha cabeça. — Que posição desconfortável! Suas pernas já devem estar dormentes. Deixe eu te ajudar a levantar. O sol já vai sair.

Duas mãos se enfiam debaixo dos meus braços por trás e sou erguida, balançante como um *flan* que não firmou, até ficar em pé, pé esse que não consigo sentir porque minhas pernas de fato estão dormentes. O livro de registros se esparrama no chão com as páginas arreganhadas.

— Fique quieta um minuto. — A voz do diretor clínico sopra o lóbulo da minha orelha direita. — Assim a circulação volta.

O sangue das minhas pernas ausentes começa a subir como um milhão de formigas sibilantes, e uma visão do diretor clínico fica cauterizada no meu cérebro. Nem preciso olhar: barriga de cerveja estufando o colete cinza de risca de giz, dentes de marmota amarelos e saltados, olhos furta-cor rápidos como peixinhos atrás dos óculos de lentes grossas.

Agarro-me ao meu caderno. A última tábua flutuante do *Titanic*.

O que ele sabe, o que ele sabe?

Tudo.

— Eu sei onde tem uma bela tigela de sopa quente de frango e macarrão. — A voz dele farfalha, poeira debaixo da cama, filhotes de rato na palha. Sua mão se funde ao meu braço esquerdo num gesto de amor paternal. O livro de registros com todos os sonhos que aconteciam na cidade onde nasci quando pela primeira vez respirei o ar deste mundo ele empurra para baixo da estante com a biqueira do sapato engraxado.

Não encontramos ninguém no lusco-fusco do corredor. Ninguém na escada de pedra fria que leva aos corredores do porão onde Billy, o Menino da Sala do Arquivo, certa noite rachou a cabeça saltando os degraus porque tinha uma tarefa urgente.

Aperto o passo para que ele não pense que é ele quem está me incitando.

— Você não pode me demitir — eu digo, muito calma. — Eu me demito.

A risada do diretor clínico sobe chiando do fole que é sua barriga.

— Não vamos mandar você embora tão cedo. — O sussurro desce serpenteando até as passagens caiadas do porão, ecoando pelos canos curvos, pelas cadeiras de rodas e macas ancoradas durante a noite, rentes às paredes manchadas de vapor. — Ora, precisamos de você mais do que você imagina.

Nós dois zigzagueamos e minhas pernas acompanham o ritmo das dele até que chegamos, em algum lugar daqueles túneis de caminho de rato, a um elevador que funciona a noite toda e é operado por um negro que só tem um braço. Entramos, e a porta se fecha rangendo como a porta de um carro de gado, e subimos sem parar. É um elevador de carga, tosco e barulhento, nem um pouco parecido com os elevadores luxuosos a que estou habituada no edifício da ala clínica.

Saímos num andar indeterminado. O diretor clínico me conduz por um corredor vazio, iluminado apenas em alguns trechos por lâmpadas protegidas por pequenas caixas de arame no teto. Portas trancadas com janelas teladas contornam os dois lados do corredor. Pretendo me separar do diretor clínico à primeira placa vermelha de Saída, mas não há nenhuma em nossa jornada. Estou em território estrangeiro, com meu casaco no gancho do consultório, bolsa e dinheiro na primeira gaveta da mesa, caderno na mão, e só Johnny Panic para me aquecer e proteger da era glacial lá de fora.

À frente uma luz se intensifica e clareia. O diretor clínico, um pouco ofegante por conta da caminhada vigorosa e longa, à qual ele obviamente não está habituado, me faz dobrar a esquina e entrar em um cômodo quadrado e muito iluminado.

— Aqui está.

— Essa bruxinha!

A srta. Milleravage iça sua tonelagem e sai de trás da mesa de aço que fica de frente para a porta.

As paredes e o teto da sala são chapas rebitadas de navio de batalha. Não há janelas.

Em pequenas celas trancadas que contornam as laterais e fundos da sala, vejo os sumos sacerdotes de Johnny Panic me encarando, com os braços amarrados nas costas e as camisolas brancas da Ala, os olhos mais vermelhos que brasa, pelando.

Eles me recebem com estranhos coaxos e grunhidos, como se tivessem a língua travada na mandíbula. Sem dúvida já souberam do meu trabalho através dos passarinhos de Johnny Panic e querem descobrir como vivem seus apóstolos.

Levanto as mãos para acalmá-los, mostrando meu caderno, com a voz tão alta quanto o órgão de tubos de Johnny Panic.

— Saudações! Trago a vocês...

O Livro.

— Chega dessa ladainha, querida. — A srta. Milleravage sai de trás da mesa e se aproxima de mim, dançando como um elefante de circo.

O diretor clínico fecha a porta da sala.

No instante em que a srta. Milleravage se levanta, vejo o que seu corpanzil vinha escondendo atrás da mesa — uma maca branca que chega à cintura de um homem, com um só lençol esticado sobre o colchão, imaculado e justo como a pele de um tambor. Na cabeceira da maca há uma mesa em que se vê uma caixa de metal repleta de mostradores e medidores.

A caixa parece me observar de sua espiral de fios elétricos, feia como uma cobra de duas cabeças, o último modelo de Assassina-de-Johnny-Panic.

Me preparo para fugir pela lateral. Quando a srta. Milleravage tenta me agarrar, sua mão gorda volta com um punhado de coisa nenhuma. Ela avança contra mim mais uma vez, e seu sorriso tem o peso dos dias quentes de agosto.

— Chega. Chega, eu fico com esse livrinho preto.

Por mais rápido que eu corra ao redor da maca branca, a srta. Milleravage é tão rápida que parece estar de patins. Ela agarra e acerta. Contra seu grande corpanzil eu bato o punho, e contra seus imensos seios sem leite, até que suas mãos nos meus pulsos se tornam argolas de ferro e seu hálito me nina com um cheiro de amor mais podre que um porão de funerária.

— Minha querida, minha bebê, voltou pra mim...

— Ela — diz o diretor clínico, triste e severo — andou se engraçando com o Johnny Panic de novo.

— Que danadinha...

*

A MACA BRANCA ESTÁ pronta. Com uma terrível delicadeza, a srta. Milleravage tira meu relógio do pulso, os anéis dos dedos, os grampos do cabelo. Começa a me despir. Quando estou nua em pelo, sou ungida nas têmporas e vestida com trajes tão virginais quanto a chegada da neve.

Nesse momento, dos quatro cantos da sala e da porta chegam cinco falsos sacerdotes com jalecos cirúrgicos brancos e máscaras cujo único objetivo é destituir Johnny Panic de seu trono. Me fazem ficar de barriga para cima, estendida na maca. A coroa de arame é colocada sobre a minha cabeça e a hóstia do esquecimento sobre minha língua. Os sacerdotes mascarados se colocam a postos e imobilizam: um minha perna esquerda, outro a direita, um meu braço direito, outro o

esquerdo. Um atrás da minha cabeça diante da caixa de metal, onde não consigo ver.

De suas reentrâncias estreitas na parede, os devotos elevam suas vozes em protesto. Começam a entoar o canto devocional:

A única coisa que se pode amar é o próprio Medo.
O amor ao Medo é o início da sabedoria.
A única coisa que se pode amar é o próprio Medo.
Que o Medo e o Medo e o Medo estejam por toda parte.

Não há mais tempo para a srta. Milleravage, nem para o diretor clínico, nem para que os sacerdotes os calem.

Foi dado o sinal.

A máquina os trai.

No momento em que penso estar mais perdida, o rosto de Johnny Panic aparece numa auréola de lâmpadas a arco lá no teto. Estremeço como uma folha nos dentes da glória. A barba dele é relâmpago. O relâmpago está em seu olho. A sua Palavra libera a descarga elétrica e ilumina o universo.

O ar crepita com seus anjos de língua azul e halo de raio.

Seu amor é o salto de vinte andares, a corda no pescoço, a faca no coração.

Ele jamais esquece os seus.

AMÉRICA! AMÉRICA!

ESTUDEI EM ESCOLAS PÚBLICAS — públicas mesmo. *Todo mundo* estudou: os tagarelas, os tímidos, os atarracados, os varapaus, o futuro cientista eletrônico, o futuro policial que certa noite viria a chutar um diabético até a morte ao confundi-lo com um bêbado que precisava se acalmar um pouquinho; os pobres, cheirando a lã suja, ao bebê urinoso que tinha ficado em casa e à geleia geral; os mais ricos, com suas golas de pele puídas, anéis de opala e papais que tinham carro (“Quê que o *seu* pai faz?”, “Ele num *trabaia*, ele é motorista de ônibus.” Todos dão risada). Lá estava ela — a Educação —, oferecida sem custo a todos nós, uma grossa fatia da população americana em plena depressão. *Nós* não estávamos deprimidos, é claro. Deixávamos essa parte para os nossos pais, que se desdobravam para criar um filho ou dois e caíam pelos cantos depois do trabalho e de jantares frugais, sempre ao lado do rádio, para ouvir as notícias da “terra natal” e de um homem de bigode preto chamado Hitler.

Acima de tudo, nós de fato nos sentíamos americanos na agitada cidadezinha litorânea onde peguei, como se fosse piolho, o ritmo dos meus primeiros dez anos de escola — um grande e ruidoso balaio de gato de católicos irlandeses, judeus

alemães, suecos, negros, italianos e aquele raro e puro cocô do navio *Mayflower*: alguém que fosse *inglês*. A essa pobre tripulação de cidadãos mirins, as doutrinas da Liberdade e Igualdade deveriam ser transmitidas por meio das escolas comunitárias e gratuitas. Embora quase nos considerássemos bostonianos (o aeroporto da cidade, com seus aviões e dirigíveis prateados que pairavam tão belos, rosnavam e reluzia do outro lado da baía), eram os arranha-céus de Nova York os ícones colados nas paredes das salas de aula; Nova York e a grande rainha verde que estendia uma luminária como símbolo da liberdade.

Toda manhã, levando a mão ao coração, prometíamos lealdade às Estrelas e Listras, uma espécie de toalha de altar que ficava no alto da mesa do professor. E cantávamos as letras carregadas de fumaça de pólvora e patriotismo que acompanhavam melodias impensáveis, vacilantes, agudas. Uma nobre e bela canção, “pelas grandezas das montanhas roxas acima da planície fértil”, sempre levou às lágrimas a poeta em miniatura que havia em mim. Naquela época eu não sabia dizer o que era a planície fértil e o que era a grandeza da montanha, e confundia Deus com George Washington (cuja expressão de vovozinha meiga também nos iluminava do alto da parede da sala, entre persianas impecáveis de caracóis brancos), mas mesmo assim gorjeava, ao lado dos meus pequenos e catarrentos compatriotas: “América, América! Deus derramou Sua graça sobre ti, e coroou teu povo com a fraternidade que se estende pelo mar brilhante”.^[6]

Do mar sabíamos uma coisa ou outra. Término de quase todas as ruas, contorcia, sacudia e arremessava de seu cinza

amorfo pratos de porcelana, macaquinhos de madeira, delicadas conchas e sapatos de homens que tinham morrido. Ventos salgados e úmidos varriam sem parar nossos parquinhos — aquelas composições góticas de cascalho, macadame, granito e terra remexida, maliciosamente projetadas para esfolar e polir os joelhos mais tenros. Lá trocávamos cartas de baralho (só pelos desenhos no verso) e histórias indecentes, pulávamos corda, brincávamos de bola de gude e encenávamos as emoções do rádio e dos quadrinhos da nossa época (“Quem conhece o mal que espreita no coração do homem? O Sombra conhece... Ha ha ha!” ou “Olhem lá no céu! É um pássaro? É um avião? Não, é o Super-Homem!”). Se estávamos destinados a algum fim especial — marcados, condenados, limitados, fadados —, não sabíamos. Sorríamos e saltávamos de nossas carteiras para jogar queimada, tão abertos e tão confiantes quanto o próprio mar.

Afinal, podíamos ser qualquer coisa. Se trabalhássemos. Se nos dedicássemos aos estudos. Nosso sotaque, nosso dinheiro e nossos pais não faziam diferença. Não havia advogados que saíam da família do carroceiro de carvão e médicos da lata do lixeiro? A educação era a resposta, e só Deus sabe como ela havia chegado a nós. Invisível, suponho, no início — um místico brilho infravermelho que saía das tabuadas, poemas pavorosos que exaltavam o céu azul do mês de outubro, um mundo de histórias que parecia começar e terminar com a Festa do Chá de Boston, em que os peregrinos e os índios eram, como o *eohippus*,^[7] pré-históricos.

Depois a obsessão da universidade chegaria para nos dominar feito um vírus sutil e aterrorizante. Todo mundo *tinha*

que ir a alguma universidade. Fosse um curso de administração, um curso técnico, uma faculdade estadual, um curso de secretariado, uma universidade da *Ivy League*, um curso de agronomia. Primeiro os estudos, depois o trabalho. Quando nós (tanto o futuro policial quanto o futuro gênio da tecnologia) chegamos como uma explosão ao próspero segundo grau pós-guerra, orientadores vocacionais trabalhavam em período integral para nos estimular, com frequência cada vez maior, a discutir motivações, objetivos, assuntos escolares, empregos — e universidades. Professores excelentes caíam do céu como meteoros: professores de biologia exibiam cérebros humanos, professores de inglês nos inspiravam com seu apego ideológico por Tolstói e Platão, professores de arte nos conduziam pelos guetos de Boston e depois nos devolviam ao cavalete para que espalhássemos na tela a tinta guache da escola pública com consciência social e raiva. A excentricidade, o risco que se corre por ser especial *demais*, era negociada e afastada de nós como o polegar que uma criança deixa de chupar.

A orientadora vocacional das meninas diagnosticou meu problema logo de cara. Eu era perigosamente intelectual, só isso. Sem a combinação adequada de atividades extracurriculares, minha elevada e pura sucessão de notas dez perigava me levar direto para o abismo. Cada vez mais as universidades procuravam alunos versáteis. Àquela altura eu já tinha estudado Maquiavel nas aulas de história moderna. Peguei a deixa.

Mas, sem que eu soubesse, essa orientadora vocacional tinha uma irmã gêmea idêntica de cabelos brancos que eu

sempre encontrava nos supermercados e no dentista. Com essa gêmea eu me abria sobre meu leque de atividades que crescia sem parar — coisas como comer gomos de laranja no alojamento dos jogos de basquete femininos (eu havia sido selecionada para o time), pintar Ferdinandos e Violetas gigantes para os bailes da turma, fazer a diagramação dos bonecos do jornalzinho da escola à meia-noite, enquanto minha coeditora exausta lia as piadas no fim das colunas da *New Yorker*. A expressão vazia e estranhamente emudecida da gêmea da minha orientadora vocacional não me desencorajou, nem a aparente amnésia de sua sócia pálida e eficiente que ficava na sala da escola. Me tornei uma adepta adolescente e enfurecida do pragmatismo.

“O uso é a verdade, e a verdade é o uso”, devo ter resmungado, dobrando as meias soquete para ficar igual às minhas colegas de escola. Não havia uniforme, mas havia uniforme, sim — o corte de cabelo tigela, todo certinho, a saia com blusa de malha, os *loafers*, cópias pioradas dos mocassins dos indígenas. Chegamos até a fomentar, em nossa estrutura democrática, duas relíquias milenares do esnobismo — duas irmandades: Debutantes e Açúcar com Pimenta. No início de cada ano letivo, as veteranas mandavam convites para as novas alunas — as bonitas, as populares, as rivais em potencial. Uma semana de iniciação precedia nossa adequação arrogante à famigerada Norma. Os professores eram contra a semana de iniciação e os meninos tiravam sarro, mas ninguém podia nos impedir.

Como acontecia com toda iniciada, me atribuíram uma Irmã Mais Velha que transformou em rotina a missão de

destruir meu ego. Por uma semana inteira fui proibida de usar maquiagem, tomar banho, pentear os cabelos, trocar de roupa ou falar com os meninos. Quando amanhecia, eu ia a pé até a casa da minha Irmã Mais Velha para fazer seu café da manhã e arrumar sua cama. Depois, arrastando seus livros insuportavelmente pesados, além dos meus próprios, eu a seguia feito um cachorro até a escola. No caminho ela podia me mandar subir numa árvore e ficar pendurada num galho até cair, ou fazer perguntas grosseiras aos passantes, ou sair pelo comércio pedindo uvas podres e arroz mofado. Se eu sorrisse — isto é, se mostrasse qualquer traço de ironia ante à minha escravidão —, tinha de me ajoelhar na calçada e arrancar o sorriso do rosto. No instante em que o sinal do fim das aulas tocava, a Irmã Mais Velha assumia o controle. Quando anoitecia eu sentia dor e cheirava mal; a tarefa de casa zunia dentro de um cérebro embotado e zozzo. Estavam me moldando para ser Normal.

Sabe-se lá como, não funcionou — essa iniciação ao *nihil* do pertencimento. Talvez eu fosse estranha demais. O que essas representantes da feminilidade americana escolhidas a dedo faziam em suas reuniões da irmandade? Comiam bolo; comiam bolo e fofocavam sobre o encontro do sábado à noite. O privilégio de ser alguém começava a mostrar a outra face — a pressão de ser todo mundo; logo, ninguém.

Há pouco tempo espiei uma escola primária americana pelo vidro lateral da fachada: carteiras de tamanho infantil e mesas de madeira clara; fogões de brinquedo e bebedouros minúsculos. Luz do sol por todo lado. Em um quarto de século, a anarquia, o desconforto e a sujeira de que eu me

lembrava com tanta ternura tinham sido amansados. Uma das turmas havia passado a manhã dentro de um ônibus para que os alunos aprendessem a pagar a passagem e perguntar sobre as paradas. Ler (na minha época se aprendia aos quatro anos com as caixas de sabão) se tornou uma arte tão traumática e imprevisível que o indivíduo tem sorte se conseguir dominá-la aos dez. Mas as crianças sorriam em seu pequeno círculo. Será que cheguei a ver, no armário de primeiros socorros, o reluzir dos frascos — calmantes e sedativos para o rebelde mirim, o artista, o diferente?

O DIA EM QUE O SR. PRESCOTT MORREU

ERA UM DIA CLARO, um dia quente, o dia em que o velho sr. Prescott morreu. Eu e mamãe nos sentamos no banco lateral do ônibus verde caindo aos pedaços que vinha da estação de metrô em direção a Devonshire Terrace e ficamos sacolejando sem parar. O suor escorria pelas minhas costas, eu sentia, e minha blusa de linho preto grudava no assento. Toda vez que eu me mexia o tecido se soltava com um barulho de alguma coisa rasgando, e eu olhava para mamãe com uma cara de “eu avisei”, como se fosse culpa dela, mas não era. Ela só continuava sentada com as mãos dobradas no colo, sacudindo de um lado para o outro, e não dizia nada. Só fazia uma cara de quem estava resignada ao destino.

— Sabe, mamãe — eu lhe dissera depois que a sra. Mayfair tinha telefonado aquela manhã —, eu entendo que tenhamos de ir ao velório, apesar de não acreditar em velórios, mas como assim precisamos ficar sentadas com eles?

— É o que se faz quando alguém próximo morre — mamãe dissera, bastante sensata. — Você vai até lá e se senta com a família. É um momento difícil.

— É mesmo um momento difícil — eu confirmara. — E o que posso fazer se não vejo Liz e Ben Prescott desde criança, a

não ser uma vez por ano no Natal, na hora de trocar presentes na casa da sra. Mayfair? Querem que eu fique sentada segurando um lençinho, é isso?

Ao ouvir esse comentário, mamãe levantou a mão e me deu um tapa na boca, como não fazia desde que eu era criança e falava o que vinha à cabeça.

— Você vai vir comigo — ela dissera com seu tom imponente, o que significava que não ia aturar mais nenhuma gracinha.

E foi assim que vim parar nesse ônibus no dia mais quente do ano. Eu não sabia ao certo como uma pessoa se veste para velar alguém, mas imaginei que sendo uma roupa preta estaria tudo bem. Então coloquei um conjunto de linho preto muito elegante e um chapeuzinho com véu, o mesmo que uso para ir trabalhar quando tenho jantares à noite, e senti que estava pronta para qualquer coisa.

Bem, o ônibus foi se arrastando e passamos pelas piores partes de East Boston, que eu não via desde criança. Desde que nos mudamos para o campo com a tia Myra, eu não voltava à minha cidade natal. A única coisa de que realmente senti falta depois da mudança foi o mar. Mesmo hoje, nesse ônibus, me peguei ansiosa para ver aquele primeiro pedaço de azul.

— Olha, mamãe, nossa velha praia — eu disse, apontando. Mamãe olhou e sorriu.

— Pois é. — Então ela se virou para me encarar e seu rosto fino ficou muito sério. — Quero que você me dê orgulho hoje. Se quiser falar, fale. Mas fale com jeito. Não me venha com

essas ideias de queimar gente feito churrasco. É um comentário inadequado.

— Ah, mamãe — eu disse, muito cansada. Eu vivia me explicando. — A senhora não sabe que eu tenho bom senso? Só porque o velho Prescott fez por merecer, só porque ninguém está se lamentando, não pense que não vou ser educada e correta.

Eu sabia que aquilo ia mexer com a mamãe.

— O que você quer dizer com “ninguém está se lamentando”? — ela sibilou, primeiro se certificando de que não havia ninguém por perto para escutar a conversa. — O que você está insinuando com essa sua boca suja?

— Olha, mamãe — eu disse —, a senhora sabe que o senhor Prescott era vinte anos mais velho que a senhora Prescott, e que ela só estava esperando ele morrer para poder aproveitar a vida. Só esperando. Ele era um velho ranzinza desde que eu me entendo por gente. Dava dor de cabeça para todo mundo, e vivia com aquela doença de pele nas mãos.

— Isso era uma lástima de que o pobre coitado não tinha culpa — mamãe disse, piedosa. — Ele tinha direito de ficar mal-humorado com as mãos coçando sem parar, esfregando a pele como ele fazia.

— Lembra quando fomos à ceia de Natal do ano passado? — eu continuei tagarelando, teimosa. — Ele se sentou à mesa e ficou esfregando as mãos de um jeito tão barulhento que eu não conseguia ouvir mais nada, só a pele dele descamando aos poucos feito uma lixa. Você ia aguentar conviver com *aquilo* todo dia?

Naquele momento eu a convenci. Não havia dúvida de que o falecimento do sr. Prescott não faria ninguém se lamentar. Era a melhor coisa que podia ter acontecido.

— Bem — mamãe falou suspirando —, podemos pelo menos achar bom que ele tenha partido sem sofrimento. Só posso torcer para que seja assim quando chegar a minha hora.

Depois as ruas começaram a se embaralhar de repente, e então chegamos ao velho Devonshire Terrace e mamãe puxou a campainha. O ônibus freou com violência, e eu agarrei o poste de metal descascado que ficava atrás do motorista a tempo de não sair voando pela janela da frente.

— Obrigada, senhor — eu disse no tom mais frio possível e desci do ônibus com passinhos afetados.

— Lembre-se — mamãe disse enquanto andávamos pela calçada e depois fazíamos uma fila onde havia um hidrante e a passagem era muito estreita —, lembre-se, ficamos enquanto eles precisarem de nós. E nada de reclamar. Só lave a louça, ou converse com a Liz, ou o que você achar melhor.

— Mas mamãe — eu reclamei —, como vou dizer que lamento a morte do senhor Prescott, se na verdade não lamento nem um pouco? Se na verdade acho que é uma coisa boa?

— Você pode dizer que foi piedade de Deus que ele tenha partido em paz — mamãe disse, austera. — Então você dirá a mais pura verdade.

Só fiquei nervosa quando viramos na estradinha de cascalho que dava na velha casa amarela dos Prescott em Devonshire Terrace. Não senti nem um pingo de tristeza. O toldo laranja e verde estava estendido sobre a varanda,